

GEOGRAFIAS E IMAGENS DE VIAGEM: O TERRITÓRIO DO RIO SÃO FRANCISCO E ALGUMAS TERRITORIALIDADES VAPORZEIRAS.

Pablo Sebastian Moreira Fernandez¹

Maria Geralda de Almeida²

RESUMO:

Neste artigo propõe-se a construir reflexões sobre o sentido que a viagem adquire como experiência geográfica. Neste percurso de reflexão teórica esta se apresenta também como caminho metodológico a ser valorizado em busca de territórios e territorialidades, além de outras idéias e categorias espaciais. A viagem como um modo de estar, de adentrar, de acessar imagens e memórias que revelem os lugares, suas paisagens, seus personagens e identidades múltiplas. Já o encontro com as imagens e com a memória do *vaporzeiro*, torna-se um momento de reinvenção metodológica da pesquisa. Estando aberto à novidade e à incerteza, o geógrafo cria um espaço de resistência e ampliação de entendimento destes espaços a partir das experiências que emergem com este lugar e este personagem.

Palavras-chave: Geografia e Imagens, Viagem, Território, Territorialidade.

GEOGRAPHIES AND VOYAGER IMAGES: THE TERRITORY THAT SÃO FRANCISCO RIVER AND SOME VAPORZEIRAS TERRITORIALITIES.

ABSTRACT:

This article aims to construct reflections about the direction that the voyage acquires as a geographic experience. In this passage of theoretical reflection this experience also presents as a methodologic way to be valued in search of territories and territorialities, beyond other spacial ideas and categories. The voyage as a way to be, as a way to go inside, to access images and memories that disclose the places, its landscapes, its multiple personages and identities. In the other way the meeting with the images and the memory of the *vaporzeiro*, becomes a moment of methodological reinvention of the research. Being opened to the newness and the uncertainty, being thus the geographer create a space of resistance and magnifying of agreement of the spaces from the experiences that emerge with this place and this personage."

Keywords: Geography and Images, Voyage, Territory, Territoriality.

¹ Doutorando em Geografia (IESA/UFG), Geógrafo (UEL) e Mestre em Educação (OLHO/FE/UNICAMP), Pesquisador do LABOTER (IESA/UFG). Endereço: Instituto de Estudos Sócio-Ambientais – Campus Samambaia. CEP: 74000-970. E-mail: pablosmfernandez@gmail.com

² Professora Doutora do Programa de Pós-graduação em Geografia (IESA/UFG) e Coordenadora do LABOTER (IESA/UFG). Endereço: Instituto de Estudos Sócio-Ambientais – Campus Samambaia. CEP: 74000-970. E-mail: mgalmeida@gmail.com

INICIO DE VIAGEM: A EXPERIÊNCIA DO MOVIMENTO E DO ENVOLVIMENTO

É na viagem que nos lançamos ao encontro com o que é imprevisto, com o inesperado; é a viagem um tipo de experiência e de saber geográfico em busca de imagens, a dizer de espaços, paisagens, lugares e, neste caso, de territórios e territorialidades. Lançar-se ao encontro do inesperado, almejar o estranhamento torna-se a meta destes geógrafos e viajantes. Aqui, o objeto almejado é o rio São Francisco que, como imagem, é tão presente nos discursos (políticos, científicos etc), nas diversas mídias e no imaginário nacional; o percurso vivenciado é a partir de uma viagem rodoviária, de Goiânia – Goiás, até a cidade de Pirapora, no estado de Minas Gerais. Atravessando Cerrados, adentrando por suas paisagens aquáticas, encontrando um personagem que habita este lugar de margens e de pertencimento a estas águas³.

Este artigo é, também, um movimento de articulação de leituras, idéias e expressões de novos pontos de vista, que nos tocam e nos transformam constantemente, configurando um tipo de abertura e inclinação para a descoberta e para a novidade, tanto na vida, quanto na produção e circulação de geografias⁴.

Como premissa, tentamos nos aproximar de uma Geografia contemporânea, engajada e preocupada com questões referentes ao território, em sua concepção política e baseada nas relações humanas e territoriais, inserindo suas identidades, culturas, subjetividades. Estes espaços se apresentam no contexto de um mundo globalizado e conectado por redes informacionais cada vez mais complexas, rápidas e eficientes. E é neste mundo conectado e do “viver sem fronteiras” que os geógrafos e outros cientistas se deparam com problemas referentes à mobilidade: o acesso a tomada de decisões, da representação política de determinados grupos, da ascensão dos movimentos xenófobos e reacionários, do soerguimento dos “muros de vergonha”, e da tentativa de transposição de fronteiras, e de barreiras, pelo sujeito contemporâneo (ARFUCH, 2005; LEVI, 2003; MORLEY, 2005; SANTOS, 1994).

Assim, a reflexão sobre a mobilidade torna-se uma tentativa de restituir o sujeito no espaço geográfico, elegendo a viagem que estes empreendem e as marcas

³ Esta viagem se deu com a participação de um grupo de pesquisadores da UFG e do LABOTER no 5º Encontro dos Povos do Cerrado realizado na cidade de Pirapora – Minas Gerais, no outono de 2009.

⁴ Temos refletido em uma pesquisa de doutorado que se realiza no Instituto de Estudos Sócio-Ambientais da UFG, no interior do Laboratório de Estudos e Pesquisas das Dinâmicas Territoriais, sobre o sentido e entendimentos da viagem enquanto experiência geográfica. Fazemos referência ao entendimento da viagem pelo Cerrado apresentado por Clarinda Aparecida da Silva, para quem estas experiências “são marcadas pela presença do olhar sobre as paisagens e pela visibilidade com que essas paisagens mostram-se ao observador” (SILVA, 2005, p.21). É através do olhar que os sujeitos estabelecem relações com os objetos.

de identidade territorial que dela provém como tema de investigação. É neste contexto que, nos deparamos “em viagem” com um sujeito que se relacionava e expressava pertencimentos para com o rio São Francisco, através dos barcos a vapor, que por ali navegaram e criaram territorialidades. Um personagem do lugar chamado Adalberto: ex-mecânico do vapor de carga Benjamim Guimarães e ex-funcionário da Companhia de Navegação do São Francisco.

Vem daí o sentido de uma identidade “vaporzeira” à qual iremos nos referir. Uma identidade revelada a partir de suas falas, memórias, de sua prosa, suas fotografias e lembranças, do encontro com sua mãe, da sua trajetória e itinerários que navegamos ao encontro do território e de territorialidades. A imaginação tida como um procedimento de decodificação e interpretação que valoriza o olhar geográfico sobre este espaço feito de imagens, e o vapor como guia nestas águas, não como objeto e elemento turístico ou obra da engenharia, mas como *lugar* a partir do momento em que traz referências afetivas, com o antigo meio de comunicação e transporte, de ligação, de integração, de mobilidade.

EM BUSCA DE UMA CATEGORIA DE ANÁLISE: O TERRITÓRIO E ALGUMAS TERRITORIALIDADES E IMAGENS DAS ÁGUAS DO RIO SÃO FRANCISCO.

Definir a categoria de território como sendo algo estanque ou estático é um caminho arriscado e defensivo, pois inúmeras imagens e preconceitos emergem como imperativo e preenchem nossa vista. Deve-se buscar compreendê-lo em passos e aproximações cautelosas, porém a transpor barreiras. Assim iniciamos esta reflexão sobre o território, dizendo dele como uma superfície, com suas delimitações e seus limites; um espaço de fronteiras e liminaridades razoavelmente desenhadas, em incessante desmontagem e constantemente experienciado pelos sujeitos. Razoavelmente demarcadas e delimitadas, considerando que é sobre elas e o território que se dá o movimento, as diversas formas de mobilidade e organização, as trajetórias e espacialidades dos povos: desde os errantes, os fugitivos, os migrantes, os nômades.

Podemos trazer como referência, num contexto atual, o caso de alguns grupos sociais migrantes que estabelecem territórios no movimento, como os sem-terra e os atingidos pela construção de barragens e hidrelétricas. Em nossas considerações, o Rio São Francisco será entendido como o espaço onde se dão

certas funções e configurações “jurídico-política, técnica, econômica e social, bem como as representações e lógicas culturais que lhe são atribuídas” (ALMEIDA, 2003a, p.105).

O território, como uma idéia, tem a ver com a organização e a racionalização do espaço, sendo um *constructo* das relações de poder, podendo ser utilizado pela governança, pelas ações institucionalizadas, políticas, sociais, de uma dada cultura. E assim, questionamos: “de qual modo” o Rio São Francisco, pode ser entendido como um território? Uma bacia hidrográfica é um tipo de território? O que podemos dizer é que este rio, tão incorporado e difundido como “agente” integrador do Brasil, surge de sua apropriação por práticas e discursos desenvolvimentistas, que o conduzem a um esquecimento como lugar de identidades, esquecimento quanto espaço de pertencimento e significado de culturas, de desigualdades sociais e problemas ambientais.

Partindo de um discurso da funcionalidade e, das imagens de integração nacional, vemos o rio desde sua importância econômica para o país e para as regiões e lugares por onde passa: seja para a irrigação de plantações, seja para a pesca, seja para o fornecimento de água e produção de alimentos. E, para a geração de energia elétrica, ou como via para a navegação e transporte de cargas. Discurso que, na maioria dos casos, pouco dirá a grupos e pessoas que vivenciam “ao vivo” esta realidade. Teriam então, estas águas, para as populações de suas margens e de seu entorno, o mesmo significado que o discurso economicista e político apresentado acima? O que podemos dizer é que o São Francisco vai além, sendo uma referência de mundo, um lugar onde se abrigam os mitos, as lendas, as tradições destes sujeitos e identidades multiculturais.

Assim, podemos considerar este território a partir dos limites e fronteiras estabelecidos pela inserção destas águas numa dinâmica do desenvolvimento econômico global, escamoteando suas paisagens ecológicas, naturais e culturais. Tipo de território que tem perpetuado e permitido sua acelerada degradação, o descaso e o uso irresponsável, a contaminação e a devastação de suas espécies como peixes, flora etc. Essa é uma situação que tem provocado a perda de referenciais e distanciando os sujeitos que sempre dependeram do rio, conduzindo-os ao esquecimento de saberes tradicionais e ancestrais.

Temos o entendimento que o território deve transpor qualquer delimitação e apropriação rígida da técnica como é o caso dos grandes projetos e ações governamentais e privadas (tal a polêmica transposição). O fato é que este território da

gestão, do planejamento e do uso, não considera as representações e sentidos culturais estabelecidos por aqueles que o habitam, que o dão sentido. Um exemplo desta sobreposição de interesses e ações vem expressa na imagem abaixo, em que o Rio é representado somente no estado de Minas Gerais. Rio feito em fragmentos e limites, não sendo apresentado em sua totalidade, uma expressão de que: “toda imagem do território é um guia de ação dos homens e um instrumento de poder” (RAFFESTIN, 1993, p.145).

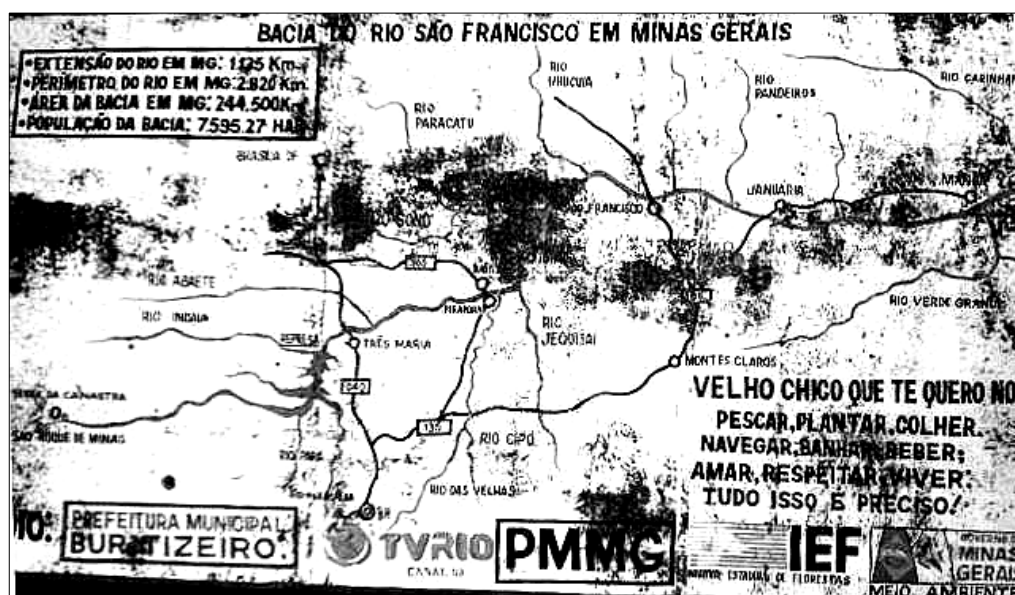


Figura1: “Bacia do São Francisco em Minas Gerais”, placa encontrada na cidade de Buritizeiro localizada na margem oposta à cidade de Pirapora.

Pontos de vista e intenções políticas desde o Brasil colônia, passando pelos governos militares até chegar aos dias de hoje, quando o que se apresenta é um discurso da “boa intenção” em requalificar este território a partir da tecnologia, inserindo-o num mundo conectado e desenvolvido. Assim, prevalece a imagem modernizadora da agricultura irrigada e seus pivôs, das lucrativas culturas para exportação, que irão encobrir, por detrás de um “biombo”, as desigualdades que já são históricas, como no caso do chamado “Vale da Miséria”, compreendido pelo eixo Januária-Juazeiro. Neste contexto de criação de uma imagem hegemônica, a pobreza segue sendo ampliada, os saberes locais desvalorizados e desconsiderados, as bases físicas e os comportamentos do rio, suas margens e suas águas continuam a ser violentamente impactados, distanciando qualquer possibilidade de sustentabilidade ambiental, cultural, local (AB’SABER, 2009; RODRIGUES, 2009, VARGAS, 2003, p.113).

Deste território criado pelos governos, empresas e estados, encontramos um território delimitado pela Companhia de Navegação do São Francisco, com suas rotas comerciais e itinerários feitos pelos barcos a vapor. Esta empresa, que iniciaria suas atividades em 1963, com sede na cidade de Juazeiro na Bahia, e encerrando suas atividades no ano de 2007, torna-se um primeiro elemento ao nosso interesse. Esta Companhia se constituiu num importante fator de mobilidade de sujeitos e mercadorias, entre as regiões sudeste e nordeste do Brasil, praticando a navegação no médio São Francisco, com seus 1.371 quilômetros de extensão. Ligando os portos de Pirapora (Minas Gerais) até Juazeiro (Bahia), e Petrolina (Pernambuco), além de outros portos e afluentes “menores”.

Pode-se assim, dizer que esta Companhia criou um território (e o território cria imagens), a partir do momento que articulava redes de navegação, hierarquizando e conectando locais a partir de suas funções; organizando a circulação de pessoas, a distribuição e o consumo de mercadorias e serviços. O objetivo desta empresa era explorar o transporte fluvial do rio São Francisco e de seus afluentes, e ficava ao encargo dela a coordenação do tráfego e a gerência de suas linhas, portos e estações. Dentre estas funções, cabia à Companhia a responsabilidade de gerir outros tipos de transporte como o ferroviário, a indústria de construção e reparação naval, prestar serviços e assegurar a parceria com outras empresas em projetos que visassem o desenvolvimento da região (CUNHA, 2009, MINISTÉRIO DOS TRANSPORTES, 2009).

Voltamo-nos para o barco a vapor Benjamim Guimarães que, sediado nos portos da Cia., na cidade de Pirapora, por quase 70 anos, realizou o trajeto entre esta cidade e Juazeiro na Bahia. É neste *vapor* que procuramos pistas, marcas e rastros culturais que dizem tal território e imprimem nessas águas e neste lugar certas territorialidades. Trilhamos assim, alguns percursos e indicações da Geografia Cultural, sendo o território: “uma convivialidade, uma espécie de relação social, política e simbólica que liga o homem à sua terra e, simultaneamente, estabelece sua identidade cultural” (ALMEIDA, 2008, p. 58).

Considerando o elemento humano, suas aspirações e suas subversões como construções geográficas, investigamos os sentidos da viagem como imagem da transposição de territórios e da criação de territorialidade, em especial às que dizem dos processos migratórios, movimentos de exílio e errâncias culturais. Notando que estes deslocamentos nos remetem aos conceitos de desterritorialização, reterritorialização e multiterritorialização, que são tipos de experiências espaciais contemporâneas que emergem na compressão do espaço e na distensão e

aceleração do tempo, criando novas formas de relacionamento, de contato, de conhecimentos e de se estar no espaço (BONNEMAISON, 2003; HAESBAERT, 2007).

Sendo a fronteira uma imagem a dizer do território, questionamos: qual o modo em que se dão e se desenham os territórios na fronteira? Os limites da fronteira se movimentam de acordo com as circunstâncias, as situações e os sentidos humanos, podendo ser um lugar privilegiado do encontro e do desencontro. A fronteira como lugar privilegiado ao reconhecimento da humanidade do eu e do outro, para a descoberta e o reconhecimento do que é estranho (MARTINS, 2009, p.132). Estas territorialidades e identidades gestadas nas fronteiras são extremamente complexas, dado o momento em que elas se recriam ou são reinventadas no estranhamento e no contato “da proximidade”.

Nestas linhas, o vapor Benjamim Guimarães adquire o sentido de meio de transposição de fronteiras, elemento de mobilidade, meio de transporte e comunicação como uma imagem a ser acessada. Imagem que remete a um lugar em móvel: onde as pessoas migravam; espaço onde se davam as trocas culturais, imagéticas e simbólicas distintas. Rapadura, sotaques, pescado, farinha e informes. Era no vapor que se transpunham os múltiplos limites sociais, culturais e econômicos. Desta forma, a decadência do vapor como lugar útil torna-se uma fronteira, dado o momento em que ela cessa e reduz a mobilidade daqueles habitantes que o utilizavam em suas travessias e trajetórias cotidianas.

UMA IDENTIDADE VAPORZEIRA: LUGARES, IMAGENS E TERRITORIALIDADES VIAJANTES

“O Rio São Francisco é como uma veia do nosso coração. Se ela entope a gente morre.”
Adalberto. Pirapora – Minas Gerais, Outono de 2009.

Nesta epígrafe, uma imagem construída que parte de uma identidade “vaporzeira” a que nos referimos estará associada à história e ao trabalho humano realizado no barco a vapor Benjamim Guimarães, e posteriormente, às reivindicações políticas e trabalhistas de grupos de sujeitos que foram, anteriormente, funcionários da Companhia (depois penhorada e tornada estatal). Este barco, presente ainda hoje como elemento na paisagem deste lugar, vem a dizer e expressar as ações da Cia. de Navegação, que em seu projeto acabaria por articular uma rede de mobilidade de pessoas, mercadorias e informações, culturas migrantes, subjetividades e

estranhamentos já mencionados. Este vapor seria ainda, conforme dissemos, um meio de transposição de fronteiras, sendo aquele que traz e leva à alteridade, tornando-se a referência de uma identidade formada no diálogo entre uma cultura e este rio, imprimindo no território imagens a dizer de territorialidades, lugares, paisagens e trajetórias a serem interpretadas a partir de uma análise geográfica (HAESBAERT, 2007, GRATÃO, 2002).

Aqui, as falas e memórias, os causos e revelações fantásticas revelam um personagem conectado com o lugar (HOLZER, 2006; TUAN, 1983); os modos de evocar o rio produzem sentidos e territorialidades, expressam um tipo de sentimento de pertencimento às suas águas e a este barco, a este porto, seu local de partida e chegada. Prosseguimos ouvindo do senhor Adalberto suas memórias:

- Eu conheço todas as soldas dentro deste convés! Os lastros e até a âncora eram feitos de modo artesanal! - Onde o vapor tivesse problema ou fosse necessário alguma manutenção, lá ia eu para onde o trabalho chamasse! Este trabalho teve dias de glória quando ainda a Companhia tinha mais de mil funcionários e transportava mais de 200 mil toneladas de carga pelo Rio! Fui soldador na Companhia durante 22 anos, hoje luto com os colegas pelos direitos esquecidos, pelo que não foi acertado, o que não recebemos na mudança de patrão!

O termo identidade tem sido utilizado por diversos autores no plural ao discutir questões de grande importância na contemporaneidade: os êxodos, as grandes migrações regionais, internacionais, o aumento das desigualdades e contradições sociais, a problemática ambiental, os conflitos étnicos e grandes desencontros de culturas se tornam a imagem deste mundo globalizado. Os lugares e as identidades não podem mais serem encarados como algo estático, estão conectados e dialogando entre si, das mais possíveis formas: precariamente, clandestinamente ou em redes bem estruturadas, hiper aceleradas, das rodovias às infovias, ao espaço das comunidades virtuais (MORLEY, 2005).

Neste caso, encontramos identidades inseridas num mundo conectado e aproximado por redes técnicas cada vez mais aceleradas, pelas formas de difusão de informação que inserem os lugares e identidades no que se denomina global, aproximando e proporcionando o encontro, os desencontros, originando, e fazendo emergir novos territórios, novas identidades (e assim, vice-versa). Neste caminho assimilamos o conceito de território identitário, que para Almeida (2005b, p.338) é resultado da “valorização e da apropriação do espaço” pelos grupos sociais, podendo ainda ser entendido como um “local de vivência e confrontação das manifestações” de

diversos grupos.

São identidades que surgem diante de novas questões territoriais, novas formas de organização e de reivindicação diante de desastres, guerras, conflitos, ou pelo controle violento das fronteiras. São as identidades migrantes a reivindicar moradia e condições de vida, “retirantes”, “clandestinos ou sudakas”, “expatriados e os cercados por muros”, ambos a dizer que o sentido de pertencimento se dá agora no fluxo, no trânsito, na flutuação, na transposição de fronteiras. Estas trazem as marcas de seus lugares de origem (porém, sem um saudosismo enraizador), são adaptadas, abertas à vivência das viagens e as experiências de exílio. As identidades tornam-se modos de resistência e de territorialidades, desde que sejam reelaboradas e reinventadas, são cartografias políticas a dizer de itinerários e fluxos existenciais de sujeitos e dados grupos, no espaço e no território.

Nesta proposta de análise, diremos de certos grupos e populações que configuram algumas identidades sertanejas em especial sanfranciscanas, que trazem referências aos espaços aos quais se vinculam. São os chapadeiros e geraizeiros, localizados nas faixas de Cerrado e do Norte das Gerais, e os chamados vazanteiros, alocados nas várzeas do São Francisco, tocando sua pequena agricultura de subsistência, e tantas outras como os vaqueiros, pescadores, carranqueiros, lavadeiras etc., denominações que dizem deste rio. Porém, devemos estar atentos aos riscos que, a generalização excessiva destes processos de territorialização e significação da paisagem num simples adjetivo, podem nos conduzir.

Neste lugar - rio São Francisco - Pirapora, além do barco a vapor ainda pode encontrar na paisagem outras marcas a dizer deste “movimento” do território: a ponte em “aço europeu” Marechal Hermes onde passava o trem, e hoje é povoada de pedestres e bicicletas; o prédio da Estação Ferroviária da Central do Brasil dizendo de tempos em que ferrovia e hidrovia conectavam os habitantes das regiões Nordeste e Sudeste via Pirapora; as carrancas, um misto de adorno dos barcos e marco totêmico, hoje souvenir; os pescadores e os velhos em rodas de prosa; a fumaça das indústrias de mineração e os canos liberando dejetos e esgoto nessas águas.

A aproximação com estas imagens “vaporzeiras” se dará num movimento do olhar e dos pés pela paisagem, num percurso que valoriza a intuição e conduz a curiosidade do pesquisador geógrafo (LOWENTHAL, 1982). O vapor se faz presente, num primeiro momento, como som do apito a ressoar pela noite, e nas falas das pessoas a descrever este que é o principal cartão postal da cidade. Retornando desta viagem, pudemos constatar este discurso reproduzido em imagens fotográficas,

pinturas, crônicas, poemas em sites, blogs de turismo, eventos encontrados na internet e mídia: memórias artificiais.

A aproximação, a conversa, a proposição do encontro com o outro, com aquele que é estranho, torna-se uma indicação metodológica de acesso aos lugares. A viagem, o percurso e os trajetos, as conversas e a pausa, tornam-se texto a ser lido como numa redução fenomenológica, e nos indicam questões e problematizações: a viagem poderia ser um procedimento metodológico à Geografia num estudo da paisagem? Qual a viabilidade de acessar o território e suas territorialidades por meio da vivência da paisagem e da experiência com estes sujeitos viajantes, migrantes?

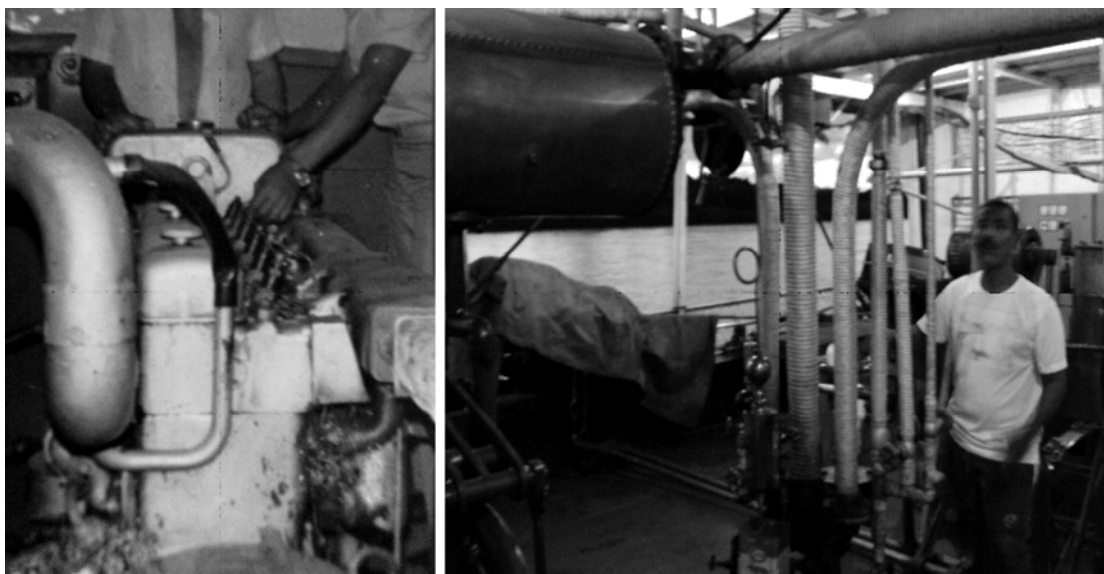


Figura 2: O pai de Adalberto foi mecânico do barco a vapor em outros tempos. Acervo vaporzeiro. O vaporzeiro na sala das caldeiras no interior do vapor Benjamim Guimarães. Pablo Fernandez, 2009.

Aqui, as falas e memórias, os causos e revelações fantásticas configuram um personagem conectado com o lugar; os modos de evocar o rio produzindo sentidos e territorialidades expressam um tipo de pertencimento à estas águas, a este barco, a este porto local de partida e chegada; e o “vaporzeiro”, como ser emblemático, a dizer de territorialidades e identidades em trânsito, e ainda, a falar de geografias vividas como as que fazem parte da trajetória do caminhoneiro a transpor estradas, da aeromoça ou do andarilho. Caminhando pelas margens do rio, conversando e a indicar com o dedo: “- Eu cresci aqui, ó! Depois vivi minha vida na Companhia, onde trabalhei nos estaleiros! Vivi andando por muito tempo e ficava longe da casa de minha família, mas ficava com o vapor! Assim, ia de porto em porto seguindo o rio com o trabalho nos estaleiros e na manutenção!” (entrevista) Desta fala buscamos sentidos que irão dizer da a mobilidade, do acesso e da conexão às redes sociais e aos outros lugares na

leitura desta imagem falada.

Devemos, assim, retomar o aviso de Claval ao dizer que: “as narrativas e as imagens nem sempre descrevem o mundo que existe. Pois: dão ao indivíduo um lugar demasiado grande” (CLAVAL, 2008, pp.17-18). Esta preocupação que o autor expressa é compartilhada e motivadora a pensar nos modos e metodologias de decodificação e interpretação das categorias espaciais como expressão espacial presente e acessada nas imagens pelo geógrafo.

EM BUSCA DAS IMAGENS “VAPORZEIRAS”: NAVEGANDO POR NARRATIVAS E FOTOGRAFIAS

Uma aproximação entre geografias, imaginação e imagens, torna-se a busca deste momento, amparado na reflexão do filósofo checo Vilém Flusser, ao dizer que as imagens são “superfícies que pretendem representar algo”, e “devem sua origem à capacidade de abstração específica que podemos chamar de imaginação”. A imaginação é “a capacidade de compor e decifrar imagens” (p.7, 1985). As imagens são entendidas como mediação entre o homem e o mundo, podendo: “(...) ser tomadas tanto como parte das práticas discursivas – signos de uma linguagem -, quanto como objetos do mundo – obras da/na cultura” (OLIVEIRA Jr., 2009).

As imagens são materiais, e; “dizem de formas impressas ou presentes em telas”. São uma obra palpável aos olhos, pois: “é a elas que elas se destinam prioritariamente, (...) são nossos olhos que elas desejam” (OLIVEIRA Jr., pp. 17-20, 2009). Nasceram com o propósito de serem mapas, mas passam a ser biombos quando o homem passa a viver em função delas (FLUSSER, 1985). Buscamos, desta forma, o decifrar as cenas da imagem como significados do mundo, como representações do espaço e dos seres que o habitam, cenas que são próximas do fenômeno experienciado.

Na intimidade de sua casa materna, Adalberto inicia um movimento de criação e composição destas imagens “vaporzeiras”: um álbum de fotografias, falas, risos e suspiros. Nestas expressões, vemos uma Pirapora interligada com o restante do Brasil através de um rio; o rico e agitado comércio naval que se dava entre estas cidades, junto de Barreira, Xique-Xique, Juazeiro; o comércio das melhores cachaças e rapaduras, a cerâmica e as carrancas, o transporte de grandes tonéis de querosene. A chegada do vapor sendo anunciada com festa: - E eu ficava aliviado pelo retorno e *pelo encontro com meu pai! Era momento em que teria comida em casa, me lembro*

de uns biscoitos que ele trazia pra mim! Chegava vez deles encalhar e atrasar a chegada uns quinze dias! Eu só esperava afoito!

Quais mudanças nestas experiências viajantes a aceleração dos meios de informação e a virtualização dos espaços têm criado? Aqui utilizaria o exemplo das mudanças, com um dos mais avançados meios de acesso aos lugares como o *Google Earth*, no qual se pode caminhar por um espaço virtual em tempo real. Para vivenciar os lugares os sujeitos não precisam mais nele estar. O lugar agora se torna móvel, não é mais um fator de enraizamento no espaço, agora ele é um ponto de encontro e se conecta a outros por meio de redes virtuais. Assim, identidades se mesclam e se dinamizam e acabam por construir a diversidade.

Assim, a rememoração da mãe do "vaporzeiro" narrando a viagem da partida da casa de sua família, adquire o sentido de experiência geográfica, a partir do momento em que se constrói numa rede de trajetórias e lugares vivenciados in loco, mediado pelo corpo, pelos sentidos e sensações. Partindo da Bahia e rumando para estas bandas de Minas Gerais a Pirapora, atrás de quem viria a ser seu marido no ano 1956, ou como ela nos dirá: - *Atrás do amor!* A viagem no vapor é descrita como trajeto difícil, intempestivo, sem conforto nem muita comida. - *Vim grávida de meu primeiro filho (que um dia seria capitão deste mesmo barco, o segundo: Adalberto) comendo uma sopa com farinha de mandioca!*



Figura 3: A mãe do "vaporzeiro" apresentando um álbum de fotografias e cartões postais sobre a navegação no São Francisco. Pablo Fernandez, 2009.

A história de sua origem, a viagem da migração feita no barco em que seu marido trabalhava, a lembrança das dificuldades, dos desvios, tornam-se marcas, a dizer de territorialidades, revelando-se como trajetória vivida e narrada. A fala, o sotaque, a saudade como referência de outros lugares e identidades, também será relembrada e reinventada como paisagem na construção de um novo lugar. Diante agora das fotografias dos “tempos viajantes” de seu filho, a velha se vê “num mercado e numa cidade portuária” degustando e sentindo os gostos e cheiros do Nordeste.

Ali, olhos defronte algumas bancas de lona e madeira, algumas peças e cortes de bode, afetada, fica ali a dizer dos tempos em que a alimentação era baseada na carne deste animal rústico e sertanejo. - *Eu sempre tive muito gosto pela carne de bode. - Lá nesse mercado eles te perguntam, se é o bode inteiro ou uma banda de bode!* Estas imagens dizem de um sujeito que habita um lugar, espaço repleto de camadas de tempo. O ato de lembrar e falar, a pergunta sem resposta, conduzem pesquisadores a um tempo mítico, o tempo da reinvenção de sua trajetória e que irá se multiplicar, aqui o que se apresenta é uma proposta de linguagem a dizer de geografias, de valorização das imagens e da imaginação poética, um modo de transpor limites disciplinares (ALMEIDA, 2003; BAUMAN, 2002; CHAVEIRO, 2007; HISSA, 2002).

Assim, nos interrogamos: este momento, quando os afetos emergem e revelam imagens da intimidade, seriam, como um território, expressão da intimidação enquanto questão da pesquisa? Quais limites e fronteiras podem ser transpostos nesta troca de imagens e territorialidade? Numa primeira resposta, entendemos que a imaginação é um modo de reescrever a própria história, reviver e remixar tradições, identidades, paisagens, o senso de “lugar”, de casa, de lar. Nestas linhas, este espaço do afeto, torna-se um lugar de cumplicidade, estas imagens e a imaginação tornam-se um modo de resistência cultural e territorial? O pesquisador torna-se um narrador, ao mesmo tempo em que se propõe a acessar este lugar.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

“O vapor de Cachoeira não navega mais no mar.”
Verso Popular

A viagem, como movimento humano e imagem do pensamento inquieto, da criação, da invenção e da produção de conhecimentos e saberes e geográficos. Um

caminho metodológico e de abertura para o encontro com o território, as territorialidades e identidades, uma busca pelo estranhamento que se apresenta no encontro com o estrangeiro. Assumir uma postura viajante é se colocar diante de riscos, como o de se perder pelo trajeto. E mesmo assim, arriscamo-nos aproximando destas imagens e da imaginação, propondo o contato com os estudos das representações nesta pesquisa.

Não estamos sós, acompanhamos um movimento de renovação da Geografia que tem reivindicado a multiplicidade de pontos de vista, a renovação de metodologias, que aponta para os espaços como categorias que dizem do vivido. Sem procurar enquadrar o que fazemos nos âmbitos: Cultural (focando a cultura e os símbolos), Crítica, Humanista (do humanismo em Ciências Sociais) ou, ainda Humanista e ou Humanística na Geografia (com bases na Fenomenologia), o que se busca aqui é uma interpretação de mundo que dê conta de ler as entrelinhas do espaço. Leitura em trânsito, que construa pontes entre geografias, e que se encontram em constante diálogo, em construção e aprimoramento, preocupando-se com a análise espacial com seus métodos, vocações e preocupações.

O que foi proposto aqui é uma tentativa de entendimento da imagem a partir de um estudo da paisagem e memória, em que esta é entendida não como a realidade, mas como um procedimento na interpretação desta, um recorte. Importante lembrar que este estudo não permanece na “imaginação romântica” (um modo de ver) e nas imagens (expressão de visões de mundo e que constrói imaginários), pois é uma tentativa de adentrar na subjetividade do objeto almejado.

Num mundo onde diversas identidades e territorialidades humanas se cruzam, se sobrepõem e se estabelecem em espaços móveis, transitórios, efêmeros, devemos buscar interrogar e compreender quais seriam as novas experiências com o espaço, com os lugares. E, como pensar num território, com seus limites e delimitações reais, diante de novas experiências territoriantes: a viagem na velocidade, no tempo global, nas redes e nos meios de mobilidade virtuais, a travessia e transposição das novas linhas fronteiriças e muros psíquicos, a resignação, a liminaridade e a solidariedade como modos de resistência.

Buscar o território enquanto expressão (e imagem) da relação de apropriação (ou domínio) da sociedade sobre o espaço é abrir uma brecha ao encontro dos sujeitos que o habitam. Esta categoria relacionada em muitos casos à fixidez e à estabilidade é dinamizada na contemporaneidade: a globalização e uma pretensa emergência dos lugares, a substituição do papel do Estado por empresas

internacionais, os novos projetos desenvolvimentistas etc. O território não desapareceu, as relações de poder que fazem o território também não, ele só teve sua identidade transformada, repaginada. Ainda que o território diga da organização, do poder, das hierarquias, podemos ver esta categoria sendo constituída por uma rede de relações e afetos que ampliam seu sentido. A fronteira agora é o caminho para acessar certos espaços e imagens sensíveis.

É demais válido o sentido simbólico da rede, ponto que permite (e torna-se empecilho) a comunicação, o contato, o encontro e a mobilidade. A rede dinamizará o território de forma antagônica, uma vez que é um lugar “em trânsito” e ao mesmo tempo um “ponto de fronteira”. Os novos territórios se darão no acesso aos meios e as redes, elementos fundamentais para que se dê o movimento, os fluxos e a circulação de diferentes marcas de culturas: sotaques, tipos, gestos, saberes, além de mercadorias, finanças, ideologias.

Discutindo a categoria de territorialidade, assumimos um entendimento de que esta se pluraliza com o sentido das práticas sociais, espaciais, seus cruzamentos, encontros, tornam-se espaço aonde as subjetividades se entrecruzam e se reconhecem. É ali que pode se dar o encontro com o outro (que pede o tempo da permanência). Aqui, a idéia de que as identidades se constroem em territórios cada vez mais fragmentados, descontínuos, e de lugares cada vez mais interligados, indica que estas categorias se desdobram em outras idéias como as de lugar, rede e fronteira.

Assim, a territorialidade é mais ampla que os limites físicos e é dinâmica, e não existe obrigatoriamente na forma concreta e material como o território. Quanto as territorialidades em travessia deste vaporzeiro que transpunha inúmeras fronteiras físicas e materiais do território no passado, se dão hoje como lembrança e memória, como numa viagem sonhada. Pois esta se daria somente com sua (re)inserção em redes, articulações e fluxos de comunicação, alterados com a mudança nos seus padrões de mobilidade, que vieram com o declínio econômico e do comércio de cargas no rio, pelos territórios criados pelo Estado, pelos Projetos, pelo Planejamento.

O estudo das identidades pelo geógrafo pode se tornar o momento em que este fortalece e viabiliza uma troca de saberes, partindo de suas próprias vivências e se abrindo à alteridade. Pois, ao se relacionar com o outro, seja este o objeto de sua análise geográfica, seja com diversas áreas do saber e disciplinas, se apresenta como uma identidade em formação, em busca do amadurecimento de um olhar, de uma metodologia, de um discurso.

A postura do habitar a fronteira disciplinar, de buscar as fronteiras humanas, materiais, desfaz uma idéia estática de mundo observável no laboratório. Porém, este sujeito deve estar atento diante da noção de que a identidade pode ser a prisão de toda singularidade, ou individualidade. Os objetos da leitura geográfica são mutáveis, se transformam, pois o espaço é antes um movimento, uma abertura, é a errância, pois o cientista é também um viajante, que sai em busca de lugares e paisagens desconhecidas.

REFERÊNCIAS

- AB'SABER, Aziz. A quem serve a transposição do São Francisco? In: www.riosvivos.org.br, consultado em Julho de 2009.
- ALMEIDA, Maria Geralda de. Fronteiras, territórios e territorialidades. **Revista ANPEGE**, Ano 1, nº 2, Curitiba, 2005a, p. 103-114.
- . Diversidades paisagísticas e identidades territoriais e culturais no Brasil sertanejo. In: **Geografia e Cultura: a vida dos lugares e os lugares da vida**. Org.: ALMEIDA, M.G.; CHAVEIRO, E. e BRAGA, H. Goiânia: Vieira, 2008.
- . Em busca do poético do sertão: um estudo de representações. In: **Geografia: leituras culturais**. Org.: ALMEIDA, Maria Geralda & RATTI, Alessandro. Goiânia: Alternativa, 003.
- . A captura do cerrado e a precarização de territórios: um olhar sobre sujeitos excluídos. In: **Tantos cerrados: múltiplas abordagens sobre a biodiversidades e singularidade cultural**. (Organização: M. G. de Almeida) Goiânia: Ed. Vieira, 2005b.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidad líquida**. El Salvador: Fondo de Cultura Económica, 2002, p.99-113.
- BONNEMAISON, Joel. Viagem em torno do território. In: CORRÊA, Roberto Lobato & ROSENDAHL, Zeny. **Geografia cultural: um século** (3). Rio de Janeiro: 2002. p. 83-131.
- CHAVEIRO, Eguimar Felício. A dança da Natureza e a Ruína da Alma: Geografia e Literatura – Uma leitura possível. In: **Ateliê Geográfico**. Goiânia-GO. v.1, n.2. dez/2007, p.174-186.
- CLAVAL, Paul. Uma, ou Algumas, Abordagem(ns) Cultural(ais) na Geografia Humana? In: **Espaços culturais: vivências, imaginações e representações**. Org.: SERPA, Angelo. Salvador: Ed.UFBA. 2008.
- CUNHA, Renato. Infra-estrutura: Rio São Francisco. In: www.riosvivos.org.br, consultado em Julho de 2009.
- FLUSSER, Vilém. Filosofia da Caixa Preta: Ensaios para uma futura filosofia da fotografia. São Paulo: Hucitec, 1985.
- HAESBAERT, Rogério. Identidades territoriais: entre a multiterritorialidade e a reclusão territorial (ou: do hibridismo cultural à essencialização das identidades). In: **Identidades e territórios: questões e olhares contemporâneos**. ARAUJO, Frederico G. Rio de Janeiro: Access, 2007, p.33-56.
- GRATÃO, L.H. A Poética d' "O Rio – Araguaia!" De Cheias... &... Vazantes... (Á) luz da

Imaginação!. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, 2002.

HISSA, Cássio Vianna. **A Mobilidade das fronteiras**: inserções da geografia na crise da modernidade. Belo Horizonte: Ed.UFMG, 2002.

HOLZER, Werther. Sobre paisagens, lugares e não lugares. In: OLIVEIRA, Livia de e outros (org). **Geografia, percepção e cognição do meio ambiente**. Londrina: Edições Humanidades, 2006, p. 109-127.

LEVI, Liliana López. Geografia cultural y posmodernidad: nuevas realidades, nuevas metodologías. In: OLIVEIRA, Patricia E. (org.). **Espacio Geográfico, epistemologia y diversidad**. México: UNAM, 2003, pp. 193-208.

LOWENTHAL, David. Geografia, Experiência e Imaginação: Em direção a uma epistemologia geográfica. In: **Perspectivas da Geografia**. Christofletti, Antônio (org.). São Paulo: DIFEL, 1982.

Ministério dos Transportes. Transportes Aquaviários. *Hidrovia do Rio São Francisco*. <http://www.transportes.gov.br/Modal/Hidroviario/SaoFrancisco.htm>, consultado em Agosto de 2009.

MORLEY, David. Pertenencias: lugar, espacio e identidad em un mundo mediatizado. In: ARFUCH, Leonor (org). **Pensar este tiempo**: espacios, afectos, pertenencias. Buenos Aires: Paidós, 2005, p. 131-161.

OLIVEIRA JUNIOR. Wenceslao M. Grafar o espaço, educar os olhos. Rumo a geografias menores. In: **Pro-posições - Dossiê: A educação pelas imagens e suas geografias** (Organização: Oliveira Junior, W. M. Universidade Estadual de Campinas. FE – Campinas – SP, v.20, n.3, 9600, set./dez. 2009.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RODRIGUES, Arlete Moysés. Os impactos sócio-ambientais da transposição do rio São Francisco. In: <http://www.terrazul.m2014.net/spip.php?article200>, consultado em Agosto de 2009.

SANTOS, Milton. O retorno do território. In: SANTOS, Milton e outros (orgs). **Território**: globalização e fragmentação. São Paulo: HUCITEC, 1994, pp. 15-20.

SILVA, Clarinda Aparecida da. Antigos e novos olhares viajantes pelas paisagens do Cerrado. In: **Tantos cerrados**: múltiplas abordagens sobre a biodiversidades e singularidade cultural. (Organização: M. G. de Almeida) Goiânia: Ed. Vieira, 2005.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983, pp. 151-164.

VARGAS, Maria Augusta Mundim. Sustentabilidade cultural e as estratégias de desenvolvimento do baixo São Francisco. In: **Geografia**: leituras culturais. Org. ALMEIDA, M. G. de & RATTTS, A.. Goiânia: Alternativa, 2003, p. 113-131.